

NOVAS REALIDADES E A SANTIDADE PRÁCTICA: FORMULANDO RESPOSTAS
 NAZARENAS PARA A URBANIZAÇÃO E A POBRESA URBANA NO FUTURO
 Por Deirdre Brower-Latz, Rector, NTC Manchester

"Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas." (Eph. 2:10)

"Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer, tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me." (Matt. 25:34, &c.) "Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." Se isto não nos convence que a continuação de obras de misericórdia é necessária para a salvação, consideremos o que o Juíz de todos diz a aqueles à sua esquerda: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber, sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes, achando-me enfermo e preso, não forstes ver-me. Sempre que deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer." Podemos ver, foi somente isto, que aqueles da sua esquerda devem "sair" da presença de Deus para "o castigo eterno." -

... Visita aos doentes: Uma actividade que todos aqueles que gozam de boa saúde devem practicar, seja do alto or baixo nível; e que, pelo contrário, é uma actividade quase ignorada universalmente, mesmo por aqueles que dizem ser amadores a Deus profissionalmente. – Sermão 98: "Sobre Visita aos Doentes" Bicentennial Edition, Works, Vol. 3: 386.

"Uma grande razão porquê os ricos, em geral, têm pouca simpatia para os pobres é porque raramente lhes visitam. Daí que, de acordo com uma observação muito simples e comum, uma parte do mundo não sabe quais os sofrimentos que outras pessoas passam. Muitos deles não sabem, simplesmente porque não lhes importam de saber: eles evitam passar nos caminhos e sítios onde há pessoas que sofrem; e lamentam-se pela sua ignorância voluntária e se desculpam pela dureza do seu curacao. "Certamente, senhor," disse a pessoa de larga substância, "Eu sou homem de compaixão. Mas quero te dizer a verdade, não conheço alguém aqui no mundo que é necessitado." Como é que isto aconteceu? Porquê, ele fez todo o possível de evitar passar nos caminhos onde os que sofrem passam; e se por a caso ele teria passado, "ele passou por cima or pelos lados." –Sermão 98: Visita aos Doentes, Bicentennial Edition Works Volume 3: 387.

Introdução: O Nazareno... e Pessoas Pobres

Pobreza sempre tem um sentir e um olhar. Por causa do meu context – pessoa da cidade, sou obrigado a reflectir no assunto sobre a pobreza dentro de contexto urbano. No início desta apresentação quero anotar que estou certo que a maior parte da população pobre ao nível do mundo (pelo menos até este momento que estou a escrever este ensaio) está ainda nas zonas rurais, e a minha ênfase e atensão sobre a pobreza urbana não está a sugerir que teve ser o nosso foco central. Nem todos aqueles que são da comunidade urbana é pobre, porém, tal como outros observadores, estou mais informado sobre o meu context, e por cerca de vinte e três anos vivi na cidade com uma vizinhança, na sua maior parte, pobre.

Paralelamente a isto, formei-me e estou envolvido na área da teologia prático; tenho emprego (com salário!) dentro duma instituição da igreja que enfatiza assuntos de educação, aprendizagem, treinamento de homens e mulheres para servir a igreja. Como parte do meu papel e pesquisa, engajei-me no estudo do Wesley, leitura dos seus sermões, considerando principalmente a sua perspectiva no seu contexto que ele foi o precursor de boas práticas (pelo menos na sua vida ministerial). Como tal, fiquei inevitavelmente prendido pela sua perspectiva naquilo que quer dizer ser um Cristão, engajado nas práticas que formam vida e a igreja. Dentre muitos dos seus sermões, o Sermão 98, ‘Visitando os Doentes’ foi uma fonte de maior consternação e inspiração, porque eu próprio li e fiquei imensamente desafiado.

Em muitas cidades globais, pobreza tem sido [cuidadosamente e intencionalmente] escondida para as áreas de pouco acesso, e as estradas arteriais são cuidadosamente circundadas. Noutras cidades a pobreza pode-se notar: pode –se ver crianças e pessoas adultas nas ruas das cidades, as estradas e avenidas, as escolas e praças públicas, residências desleixadas, um ambiente não saudável, menos recursos, escolas mal equipadas, hospitais sem médicos cirúrgicos, um remoinho de problemas sociais atraindo mais e mais pessoas a entrar incondicionalment. Existem ainda multidões de problemas que podemos anexar ao assunto sobre a pobreza, tais como: drogas, crianças da rua, pessoas da rua, comércio sexual, pessoas sem habitação, desesperança. Apesar de que muitas das pessoas pobres são igualmente como tu e eu, a verdade é que elas estão sem opções que tu e eu temos; não têm passaportes, não têm oportunidades. Em outros lugares a pobreza parece ser contagiosa, ela se

espalha rapidamente e todo o bairro torna-se ‘pobre’. Noutros lugares, o assunto da pobreza destroi por completo as vidas das pessoas afectadas até as futuras gerações.

As respostas mais comuns em resposta de tais situações de pobreza urbana tem sido caminhos alternativos: fugir para outros lugares; evitar; profissionalizar as respostas; categorizar o tipo de pobreza; incriminalizá-la; relativizá-la; or torná-la mais visível. Uma outra maneira de responder à situações de pobreza é objectivá-la e deshumanizar os homens e mulheres que se encontram cativos na pobreza.

O meu argumento neste ensaio é de que a comunidade das igrejas conhecidas como Igreja Internacional do Nazareno, pela nossa DNA, a nossa herança genética, se vós gostardes disto, e pela nossa auto-confissão dos princípios teológicos de missão, não deve considerar as opções acima mencionadas. Pelo contrário, eu proponho que a única opção verdadeiramente possível para o povo que se chama de Nazarenos é recuperar o elemento da nossa identidade moldada pela contínua dedicação à santidade trabalhado dentro, no meio, para e com as pessoas pobres. Eu vejo isto como sendo um dos valores-chaves de ser Nazareno que é a herança que nos foi deixada pelo nosso duplo parentesco: através de obras, ministério e proclamação dos nossos Americanos fundadores de Santidade. e através de obras, ministério e proclamação das nossas raízes Wesleyanas. Esta dupla herança significa que a ênfase posta na resposta sobre a pobreza urbana com a mensagem de esperança e de boas novas é essencial para quem nós somos.

Para o bem deste argumento, vou dar duas suposições. Primeiro, maior parte dos meus ouvintes poderão aceitar o facto de que pobreza é uma realidade que existe. Segundo, muitas pessoas tem acreditado que o fenómeno pobreza é a vontade de Deus para com as pessoas. De facto, pelo contrário, qualquer fenómeno que tem a finalidade de destruir o bem-estar humano é a manifestação das forças e poderes pelos quais Deus veio para restabelecer o ser pessoa em Jesus Cristo. Terceiro, o fenómeno da urbanização não está de passagem – e que a maior afluência para as cidades como sendo o lugar de esperança para pessoas pobres vindo das zonas rurais não se enquadra na realidade da cidade. Agora – quais as viabilidades e maneiras que poderiam ser usadas pela igreja, a nossa igreja, responder as necessidades da pobreza urbana?

Escutar a história sobre a pobreza e responder as mais profundas necessidades

A realidade sobre a pobreza é que é um assunto sempre complicado e muito mais nuance do que 'quando as pessoas se tornaram pobres'. Existem variedades de histórias sobre a pobreza e as vozes das próprias pessoas que vivem a pobreza devem ser ouvidas. De facto escutar é um processo que leva muito tempo, muita atenção, e compaixão; é a habilidade de sentar-se com as pessoas e ouvir o que está sendo dito e o que não está sendo falado. Escutar as histórias sobre a pobreza encoraja e estimula aqueles que estão contar as suas histórias – dá-lhes certeza de que a sua situação é conhecida, é mencionada, e é ouvida. Este processo de escutar é uma responsabilidade pastoral e congregacional. Porém, escutar não é um assunto fácil. As situações encaradas pelas pessoas pobres podem causar maiores frustrações, dramatização, e desencorajamento da parte do ouvinte. Agora podemos imaginar se nós fôssemos um dos pobres que não apenas escutamos as histórias, mas sim vivemos na pobreza.

O significado de conexão pessoal com as pessoas que dia a pós dia vivem a experiência da pobreza pode levar alguém à novos moldes – num mundo profundamente Cristão onde há engajamento mútuo, escutando a vida de uns aos outros, partilhando o mesmo entendimento, e de facto, reduzindo o grau das necessidades.

Desafiando as Práticas Opressivas.

O process de escutar não é suficiente para este fenómeno. Nós, como Cristãos evangélicos, somos activistas. À medida que identificamos uma necessidade, somos forçados a responder, e muitas vezes respondemos por meio de roupa, comida, assistência médica, alojamento, outras ajudas físicas que ressaltam a vida. Todas as respostas não importantes, necessárias e valiosas. Contudo, um grande perigo para as nossas practicas é de que nós simplesmente colaboramos em actos de opressão por ocultar os seus efeitos destrutivos; lisarmos a superfície dos lugares pedregosos e, conseqüentemente, fugimos da responsabilidade de falar a verdade.

O papel da igreja como agente da graça transformadora é sair da posição de ser um simples activista para ser um desafiante forte das estruturas e os mals sistemáticos que criam e sustentam os sistemas que emprisionam e destriem as vidas das pessoas. Sejam eles governamentais ou sociais, normas culturais, ou estruturas familiares, o papel da igreja é manter a ética da presença de encarnação e falar a verdade de modo que as palavras de Jesus em Lucas 4 tornam-se simbolicamente representadas no presente momento e contexto.

É sempre melhor admitir que o tal desafio nunca foi e numa será fácil. O fenómeno de opressão não é simplesmente o acto de que se pode identificar. Opressão leva muitas e diferentes formas, cujas algumas são legítimas. Os desafios que se devem fazer, portanto, são vitais: a igreja como um colectivo tem a responsabilidade de orar e identificar profundamente aqueles lugares que mantêm as pessoas silenciosas enquanto lhes humilham-nas e deshumaniza-nas. A Igreja tem a capacidade de mencionar, conhecer, se juntar e defender as vozes que lutam contra os pecados que destroem e traz morte para a humanidade por meio da pobreza.

Entretanto, a tal resposta, vital que ela é, tem seu perigo – o facto de ver as pessoas pobres como objecto de concepção, um tanto vê-las como pessoas com nomes próprios, conhecidas, seres sociais, e que merecem todo o amor. As pessoas pobres são vistas como sendo doutro lado do mundo; elas pertencem ao grupo dos ‘Outros’. Quando a conotação dos pobres for esta, então significa que qualquer tentativa de falar por eles pode-se tornar um desencorajamento, e fraqueza. Os desafios que a igreja tem é de defender a justiça social, envolver-se na vida das pessoas pobres e facilitar um process de envolvimento entre os próprios pobres de modo que sejam parte da solução do problema da comunidade e serem iguais com outros. Assim a igreja teria lhes equipado e capacitado para servir o Reino de Deus nos seus próprios contextos urbanos, onde se sentem insatisfeitos, mas agora são parte do plano de Deus – a redenção e restauração dessas mesmas cidades.

Localização e as margens

Localização, localização, localização: Existe uma longa história de gentrificação (uma melhoria da vida social numa area urbana feita pala chegada afluente duma classe média de residents) e o seu resultado que foi de ‘redenção e elevação’ de moldes de vida para os novos convertidos. Para aqueles urbanos que, pela virtude da sua conversão e transformação acham se beneficiarem de mudança de valores que permitem melhor educação, saúde e mais outras oportunidades e opções (tanto ao nível pessoal como corporativo), sentem-se desafiados de permanecerem dedicados à vida da cidade e a grande separação entre a riqueza e a pobreza. A cultura de sair da cidade para lugares alternativos tem sido considerado e entendido como sendo uma transição vital para sair da situação de pobreza. Outros preferem seguir uma direção oposta. Estes deliberatamente se transferem para as margens como acto de corporar a sua missão – identificação com os pobres. De facto, todo este processo pode ser observado

de várias maneiras: patronizar, dar esperança, apresentar uma oferta, ou então mudar de residencia... Dependendo da cultura receptora, há sempre desafios que devem ser enfrentados. Entretanto, uma mudança significativa para os lugares de pobreza, resultado duma decisão pessoal, depende da decisão da própria congregação de ficar ou não; se a congregação aceita de enraizar-se ou mudar para outro lugar. A postura operacional dum grupo que opta por ficar pode ser o resultado duma reflexão teológica de encarnação, uma expressão presencial, de amor sacrificial e dedicação para as pessoas pobres. (Pode também não ser por um destes casos, mas ficarem ali simplesmente porque estão desmotivados, rebaixados, esperando somente a morte, ou sob obrigação duma outra razão de conversão ou de tradição).

Se for possível, de facto, permanecer num local de pobreza e de necessidades e evitar ser um dos pobres. Temos exemplos deste género em que algumas congregações viajam para sítios de pobreza e necessidades para cultos de adoração mas nunca estão ligados directamente com o espaço que juntamente com os próprios pobres que estão em sua volta. Isto tudo indica que é bem possível para algumas pessoas viverem uma cidade e ainda evitar a pobreza e seus assuntos adjacentes. Para tais pessoas, a sua atenção está virada completamente para outra direcção.

Para aquelas congregações que decidem que uma parte da sua identidade Nazarena seja de continuar a partilhar a sua vida com os pobres urbanos, servindo, moldando o seu caracter, caminhando para um desenvolvimento mútuo por meio de partilha das necessidades básicas (comida, água e roupa) para garantir que ninguém fique com fome e nudez, aprendendo juntos o que significa falar a verdade e praticar a transformação através de contactos interculturais (tanto do aspecto físico, racial ou educacional) – para as tais congregações, esta dedicação é um testemunho poderoso para Cristo.

Engajamento Pessoal: 'Um Serviço Pleno'

De facto, as congregações são feitas de partes constituintes, de pessoas. O profissionalismo de cuidar dos pobres, dos doentes, dos doentes mentais, viciados de drogas, dos desalojados – fazendo isto de pessoa para pessoa, de vizinhança para vizinhança até chegar ao ponto de lhes capacitar até serem pessoas profissionalmente empregadas e potencialmente vocationadas é um passo genuinamente prejudicial para um desenvolvimento mútuo. Isto não quer dizer que de os profissionais não tem algo neste processo, contudo, os

nossos cuidados a pessoas pobres não se pode basear somente nos aspectos profissionais. O líder pastoral não pode ser a única entidade responsável para visitas, contactos or defesa de pessoas pobres. A remoção de cuidados á ‘vizinhança’ no meio da congregação pode também mudar o entendimento sobre a pobreza sendo um caso concreto para ser visto como um fenómeno abstrato e dos ‘outros’; criando assim algumas suposições sobre o uso de dinheiro, o uso do tempo or das circunstâncias dos pobres (conotando-lhes como sendo pessoas preguiçosas, drogadas, ou pessoas que usam dinheiro simplesmente para jogos de sorte, tvs, bebidas, etc). Estas suposições podem tornar difícil toda a tentativa de desafiar este fenómeno. A necessidade de homens e mulheres de se engajar uns aos outros, entrando nas suas casas, mantendo uma conversa de pessoas iguais tem mais significado do que outra coisa. Por meio de experiências interpessoais as circunstâncias que provocam pobreza podem ser desafiadas, exploradas e transformadas. Isto requer que haja uma interação entre as pessoas: para que haja a tal interação com pessoas que vivem uma experiencia de pobreza, essas pessoas deve ser vistas como pessoas verdadeiras. Devem ser vistas como pessoas conhecidas por aqueles que partilham a mesma identidade em Cristo. É certo que as políticas, as actividades sociais, as agências de transformação não todas estas são parte da solução, entretando, uns dos elementos vitais para todo este processo é que haja uma ligação directa com a base (as próprias pessoas que vivem na carne e no sangue o phenomeno da pobreza). Sem este elemento, o processo de transformação pode ser limitado.

Como é que isto tudo afecta a nossa ecclesiologia? Penso que esta pergunta nos leva mais para o aspecto de considerarmos o tipo de igreja nós somos. Sendo uma igreja biblicamente formada, o nosso mandato de estarmos no meio de pessoas, defendendo um bem-estar da cidade, o nosso envolvimento na prática da justiça e da redenção torna-se muito claro. Sendo uma igreja teologicamente Wesleyana, nós cremos que as boas novas são para todas as pessoas de todas as classes sociais; que todas as pessoas sejam redimidas, que pecados podem ser perdoados, e que as pessoas podem ter certeza da sua salvação. Nós cremos que, pela graça, o Espírito Santo pode e continua a transformar pessoas. Também cremos que as pessoas podem se tornar muito mais do que aquilo que as suas circunstâncias poderiam lhes descrever. Sento teologicamente uma igreja de santidade, nós cremos que o nosso estilo de vida que reflecte semelhança a Cristo, tanto ao nível colectivo como pessoal, testifica a senhoria e autoridade de Cristo sobre todos os aspectos da nossa vida. Sendo uma organização que celebra o sacerdócio dos crentes, que crê no ministério e membrasia do

leigo, que capacita e equipa congregações, cremos que cada crente seja chamado para liderar, falar e ministrar o povo de Deus. Existem, portanto, aspectos do nosso desenvolvimento que devem ser considerados com muita atenção de modo a continuarmos a servir com e aos pobres urbanos.

Primeiro, devemos ser cuidadosos com as nossas acções e fazê-las com que sejam meio de capacitar os outros. Isto pode ser feito quando falamos a favor daqueles que são silenciados, preparando-os para um dia poderem falar por si próprios. Este pode ser um processo de educação das congregações, uma formação intencional naquelas áreas que dão poder (às juntas, os comités e os centros de acções) de modo que os silenciados sejam ouvidos. A membraia da Igreja do Nazareno obtida por todos aqueles que participam e confirmam os artigos de fé precisa de ser mais substanciada do que um simples certificado e acto de autoridade do que um simples acto de voto. Apesar destes aspectos serem também importantes, nós precisamos de ter certeza de que a igreja esteja numa posição de ouvir a voz dos pobres – deliberadamente e repetidamente ouvindo as suas vozes – ser capaz de responder com acções que fazem com a dignidade seja desenvolvida e vidas sejam libertas da opressão.

Segundo, à medida que recusamos mudar a nossa residência para os sítios de riqueza, devemos que continuamente reflectir o contexto em que nos encontramos. Devemos considerar a nossa presença e reflectir em como contextualizar as nossas congregações de tal maneira que as forças opressoras são desafiadas e ao mesmo tempo a cultura local redimida pela graça. A expectativa Wesleyana foi de que a obra redentora de Deus está sempre presente e em função muito antes da nossa presença nos tais lugares. A nossa presença nesses lugares deve ser de confirmar e demonstrar que a presença de Deus sempre foi e continua a se fazer sentir no meio do seu povo. Isto significa que o nosso discernimento, envolvimento e dedicação na comunidade local são elementos vitais e importantes.

Terceiro, sendo congregações, nós devemos começar a praticar resistência contra aqueles elementos dentro da cultura que oprimem e mantem o fenómeno da pobreza como uma realidade para aquelas pessoas que estão na posição de abandonar as tais práticas sem qualquer intervenção. Às vezes devemos ter certeza de que a tal intervenção é limitada em termos de tempo e, uma vez praticada, deve evitar colisões com os problemas que lutamos contra. É também muito importante conhecer pelo nome aquilo que é a realidade do Sistema. Sendo congregações, o nosso papel na área da ética social e acção é de saber que a nossa

chamada não é simplesmente dar peixe, mas ensinar a pescar; não simplesmente dar dinheiro mas ensinar a trabalhar. Nós temos a obrigação de reconhecer os aspectos opressivos pelos quais estamos contra.

Quarto, devemos, mais uma vez, considerar a nossa identidade em relação a nossa verdade corporativa: nós somos filhos de Deus. Como tal, a nossa principal identidade Cristã (enraizada na comunidade que é efetivamente uma família) torna-se formada tanto pelos pobres assim como os ricos. Como é que nós temos a certeza de que o evangelho de não-preferência exclusiva aos ricos está patente e encubada dentro das comunidades que servimos? Como é que podemos ensinar e equipar as congregações de modo que o que têm mais pode possam a ser capaz de se desvaziar e servir? Como é que podemos ter certeza de que promovemos igualdade de DNA que herdamos em Cristo (o qual, daquilo que saibamos, o grupo dos seus discipulos era uma mistura) e a partir da nossa herança Wesleyans e de AHM que enfatizou a pregação do Evangelho no meio dos pobres daquele tempo e capacitando-os a serem iguais em Cristo mesmo nos nossos dias? Capacitar e passar as oportunidades de autoridade às pessoas para tomar responsabilidades na vida de uns aos outros e ter certeza de que nos nossos cultos de adoração todas as pessoas de diferentes origens e contextos são chamadas a servir, e ao mesmo tempo criar espaço para que histórias sejam contadas e ouvidas e pessoas oram por umas às outras podem ser aspectos que fortificam o espirito de identidade única que reflecte a unidade em Cristo.

Este aspecto de categorização é significativo: nós já não somos os ditos ‘Outros’ que categorizam outros como sendo ‘os pobre’ ou lhes atribuem os adjectivos de (perguiçosos, a raça xyz) dos pobres... Estas práticas tem, certamente, nos distanciando àquelas pessoas que poderiam ser chamadas de pessoas conhecidas, pessoas amadas e pessoas identificadas como humanas cuja humanidade fora reestabelecida por e em Cristo. Isto é profundamente importante para a igreja.

Quinto, nós temos que expandir as nossas imaginações. Poderíamos imaginar a nossa cidade sendo renovada? Podemos manter a tal esperança cheia de perspectivas nas nossas pregações, ensinos e práticas? O que significaria se nos alinhássemos com a visão de Deus em que as cidades são lugares de paz, residência, céu e adoração. O quê que ira capacitar uma visão para ser vista e implementada de modo a tornar a cidade um lugar de esperança? Podemos imaginar que as cidades são restauradas ao ponto de que são consideradas como lugares que pertence às comunidades de santidade, como foram anteriormente? O nosso

envolvimento criativo na sociedade urbana e na vida daqueles que dentro das comunidades pobres, restabelecem esperança nos sistemas que procuram restaurar as cidades e contagia-las com a santidade, todos estes aspectos são parte da imaginação profética que nós podemos nos envolver

Sexto, devemos reflectir corporavelmente na nossa acção simbólica e sem cessar falar da verdade. O papel da igreja envolve necessariamente testemunhar a ética, manter a responsabilidade do mundo de atingir o nível mais profundo de justiça. A tensão que nos desafia no nosso desejo de ajudar as pessoas pobres e simultaneamente ser parte dos Sistemas que continuem a pedalar devem ser mencionados e debatidos. Neste processo todos os aspectos tais como o anúncio da verdade, e o espírito de arrependimento podem ser inclusos

Sétimo, a riqueza da igreja deve ser aplicada consistentemente no serviço das comunidades mais pobres. O dinheiro da igreja, por exemplo, deve ser para servir e não para ser servido. Deve-se desenvolver planos que apoiam o desenvolvimento da liderança no meio dos menos privilegiados, apoiar projectos de criatividade por liderança vocacional nas igrejas que provavelmente não teriam tido liderança pastoral.

Oitavo, no desenvolvimento da igreja devemos continuamente apoiar a existência de políticos, professores, profissionais de comunicação social, artistas e cientistas: homens e mulheres igualmente assumindo responsabilidades de se envolverem na vida das comunidades pobres e tendo a consciência de que tudo o que eles fazem está a serviço de Cristo e dos marginalizados. Nós devemos igualmente tomar com toda a nossa seriedade os assuntos do ambiente e alimentação dos pobres. Isto indica que nós somos chamados a reflectir nas implicações que poderão afectar a nossa maneira de viver e encorajar aqueles que detêm o poder para também reflectirem sobre a vida das comunidades pobres – seja onde elas estiverem. Com uma total aceitação de que a realidade de pobreza na Grã-Bretanha é diferente de Bangladês, ou dos EUA, Uganda, Brasil and Bahrain... a igreja deve apoiar todos estes cada um no seu próprio contexto a favor das comunidades pobres.

As implicações pastorais para tudo isto são profundas. Devido as complexidades de vida nas comunidades há uma necessidade que as congregações se disciplinem e que estejam acima do próprio culto de adoração e entrem numa jornada conjunta. A Igreja do Nazareno deve trazer os ambos níveis os pobres e os ricos numa única congregação onde possam praticar uma consideração mútua e uma visão para unidade. A Igreja do Nazareno e a sua política e practicas deve aprender a estar nos lugares das comunidades pobres, e ser capaz

de identificar e desafiar os aspectos de injustiça. Fazendo assim, a Igreja do Nazareno estará a formar uma comunidade que reflecte a obra transformadora do Espírito Santo nas vidas de homens e mulheres que por meio do seu encontro pessoal com Cristo o seu carácter é moldado na base da sua fé e nunca mais na sua camada socio-económica. No pedalar da teologia prática, assim salienta a Teóloga Britânica Helen Cameron, há quatro vozes no pedalar pastoral: o entendimento normativo, (A Bíblia, o manual, etc); o entendimento formal (aquilo que teólogos e outros profissionais dizem); o entendimento exposto (aquilo que dizemos sobre nós próprios); e o entendimento operativo (aquilo que FIZEMOS). Todos estes elementos informam e formam uns aos outros e caminham em direção a sua auto-compreensão.

O meu próprio sentimento neste ensaio é de que a partir dos elementos normativo, formal e exposto nos conhecemos quem nós somos: uma igreja de pobres e pelos pobres. À medida que crescemos, o mundo se torna urbano, nós nos envolvemos nas vidas dos marginalizados, os nossos actos reais devem continuamente ser coerentes com o que nós dizemos que somos. Até esse ponto, enquanto nos tornamos igreja que reflecte a vida do Nazareno, conhecido pela sua vida sacrificial aos pobres, sua presença no meio dos marginalizados, sua esperança pela humanidade e a criação, pelos quais ele veio e pelos quais está ansioso que ainda não estamos na sua glória.